

Inscrições Digitais

encontros entre linguagens, trabalho e tecnologias

Daniel Abs (Org.)

Inscrições Digitais

encontros entre linguagens, trabalho e tecnologias

Daniel Abs

Organização

Grupo de Pesquisa Contextos Digitais

ufrgs.br/contextosdigitais



UFRGS, Porto Alegre, setembro de 2023

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Escola de Administração
Grupo de Pesquisa Contextos Digitais

Organização

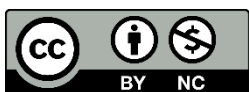
Daniel Abs

Autores

Alexandre Rocha da Silva – Carlise Scalamato Duarte – Daniel Abs

Ieda Rhoden – Ione Bentz – Lucia dos Santos Garcia

Nísia Martins do Rosário – Simone Bicca Charczuk – Vilene Moehlecke



Publicado sob licença

Creative Commons Atribuição – Não Comercial CC BY-NC 4.0

© dos autores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca da Escola de Administração/UFRGS)

I591 Inscrições digitais : encontros entre linguagens, trabalho e tecnologias [recurso eletrônico]
/ Organização Daniel Abs. – Porto Alegre: UFRGS. Grupo de Pesquisa Contextos
Digitais e Desenvolvimento Humano, 2023.
188 p. : il., digital.

ISBN 978-65-00-83341-6

1. Contexto digital. 2. Trabalho e tecnologia. 3. Psicologia social. I. Título
II. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Grupo de Pesquisa Contextos Digitais e
Desenvolvimento Humano. III. Abs, Daniel (Org.).

CDU: 316.6

A pesquisa sobre o digital: expansões, dispersões e convergências

Daniel Abs

Este pequeno ensaio é resultado de uma conversa realizada em um encontro entre o Grupo de Pesquisa Contextos Digitais e o Grupo de Pesquisa Audiovisualidades da Dança, coordenado pela Profa. Carlise Duarte. O convite para esse encontro foi muito afetuoso e direcionou a fala para um plano geral sobre o digital e sua relação com o processo de pesquisa. Tentei tecer algumas considerações que traduzissem um pouco da trajetória de estudos sobre o digital e algumas indicações, despretensiosas, para iniciantes. Eis o registro.

Estou aqui com meu café, que é sempre bom para aquecer momentos como este e me acompanha neste convite especial de falar sobre o digital. Hoje, me vejo diante da tarefa desafiadora de conduzir uma discussão com base em algumas provocações que temos compartilhado em nossos grupos de pesquisa. Pretendo alinhar essas provocações com o que gostaria de abordar e com o que acredito que possa ser relevante para os nossos grupos neste momento. Portanto, temos três diretrizes para nosso encontro de hoje, que podem servir tanto para desatar nós como para impulsionar novas reflexões. Com esse objetivo em mente, vou compartilhar algumas reflexões que minimamente organizei.

Em um primeiro momento, gostaria de falar sobre este lugar a partir do qual estamos conversando e que considero muito relevante no processo da pesquisa. Essa colaboração entre nossos grupos é especialmente significativa, pois destaca onde a produção de conhecimento realmente acontece no Brasil: nos grupos de pesquisa de instituições de ensino. Esses espaços universitários são o cruzamento entre o ensino e a pesquisa em si, e espero que em breve também possam acolher mais as práticas de extensão, que devolvem para a sociedade o conhecimento produzido. E das instituições de ensino, é principalmente nas universidades públicas, que a maior parte do conhecimento é produzida no Brasil. E essa produção não acontece só pela vontade de quem coordena esses grupos, mas também pela curiosidade, dedicação e organização de todos os membros. Então, as provocações que trago hoje são direcionadas para todos que fazem parte dessa rede colaborativa. Um grupo é um ecossistema onde compartilhamos e cooperamos com nossos pensamentos e ideias, contribuindo para a construção coletiva do saber.

No entanto, só o debate não é suficiente. Tenho investido meu esforço naquilo que considero ser a parte mais difícil dessa jornada: a escrita, a materialização do conhecimento. Essa etapa muitas vezes nos traz um certo sofrimento, pois é difícil e doloroso traduzir em palavras o que nos toca ou mobiliza. Como Nietzsche já apontava, algo se perde na fala – “na fala se vulgariza o falante” – algo se perde na subida à consciência das ideias geniais que são gestadas em nós. Eu acrescentaria que algo também se perde na escrita. As ideias podem perder o brilho original quando saem da nossa mente e chegam ao papel. E esse processo de deixar ir, de sucumbir à fatalidade da ideia que nasceu é quase como um luto. Em vez de celebrar a concretização de uma ideia brilhante, enfrentamos

a morte dessa ideia que, agora imóvel na grafia e que até então, só existia em nós, irá renascer em novas ideias em outras paragens. O processo de escrita pode ser mais doloroso do que alegre, contrariando aquela ideia romântica de que escrever é sempre um ato de criação. Na verdade, muitas vezes sinto que é um ato de finalização e de encerramento. Para quem está em um grupo de pesquisa, é crucial entender que esse processo tem um ciclo, e não é algo que se conclui em uma semana ou em seis meses. O grupo precisa de cada um, mas mais do que isso, a sociedade e o mundo precisam. Existe um certo espírito público na produção do conhecimento que deve ser inspirado, para além de uma vontade privada. E há um outro aspecto que corresponde as estruturas que nos sustentam aqui como grupos e que são públicas. Estamos em universidades públicas, o que significa que esse espaço é mantido por recursos públicos para a produção de conhecimento. Portanto, é oportunidade e dever aproveitar esse espaço ao máximo e investir nele com toda a dedicação possível.

Então, para que uma ideia realmente tome forma, para que haja debate e porosidade suficiente para que ela se materialize em palavras, acredito que um período menor do que um ano em um grupo de pesquisa seria apenas um passeio. E não há nada de errado em passeios. Porém é importante deixar isso claro para ajudar as pessoas a se organizarem. Um grupo não é um curso onde se tem aulas, nem se configura como um grupo de estudo onde o compromisso do conhecimento se encerra antes da devolução para a sociedade. Sim, a gente estuda e debate, mas o objetivo final é produzir conhecimento e devolver isso para o mundo, e para isso, precisamos de tempo. Então, é bom não alimentar ilusões sobre o que se pode ou não realizar em um grupo de pesquisa.

A cooperação é vital aqui! Precisamos uns dos outros. Não só dentro do nosso grupo, mas em contato com outros grupos e disciplinas. Isso significa que temos que estar abertos e receptivos a todos os tipos de conhecimento. Se alguém da computação está falando, por exemplo, não posso simplesmente ignorar porque acho que "não é da minha área". Isso vale para outras disciplinas como economia, sociologia, design e comunicação. Precisamos entender em que aspectos essas áreas produzem laços com nossos interesses e inquietações.

E as inquietações não podem se extinguir! Elas são o motor de qualquer pesquisa. Cada um de nós, em algum momento, precisa dar ouvidos às suas próprias perguntas, aos seus próprios incômodos. Quem não consegue se conectar com suas próprias inquietações, simplesmente não consegue trilhar muito tempo o caminho da pesquisa e do conhecimento. Por outro lado, orientar alguém é sustentar essa busca, esse desejo nômade e inconstante e que merece um lugar de pausa para virar palavra em uma tese, um artigo ou um poster. Se não for dessa forma, não vejo como valeria a pena. Isso traz um desafio enorme, tanto interno quanto externo. Internamente, é sobre como me conectar com o que realmente me importa, e externamente, é sobre minha dedicação, meu comprometimento, minha cooperação e até minha capacidade de "matar" minhas ideias ao colocá-las em palavras. É um desafio gigantesco, realmente, mas é por isso que estamos aqui.

Quanto ao cenário atual, especialmente quando falamos de digital, vou tentar ser breve para aproveitar ao máximo o espaço que temos. Então, o cenário atual é que estamos vivendo uma revolução tecnológica profunda e essa revolução tem um impacto enorme em vários aspectos da sociedade. Um dos pontos que mais chama a atenção, principalmente

quando falamos de tecnologias digitais e suas relações com a psicologia ou com a subjetividade, é o efeito dessa revolução no mundo do trabalho. A revolução tecnológica que vivemos não só altera os modos de produção, mas também muda algo fundamental na organização humana e, conseqüentemente, na estrutura da sociedade e nas nossas relações pessoais. Estamos em um momento de virada, semelhante ao que aconteceu na revolução industrial. A última grande mudança tecnológica que tivemos dessa proporção foi a industrialização, e agora estamos enfrentando uma revolução digital. Essa mudança é profunda, especialmente no cenário do mundo do trabalho, vide a automação dos processos, o trabalho por aplicativos, as estratégias de controle e de home office, e nas nossas formas de interação social, que todos sentem e que aparecem nas interações desde o WhatsApp até as redes sociais.

Mas não para por aí. O nível de transformação dessa revolução vai muito além das relações de trabalho. Afeta também a forma como nos relacionamos socialmente, dentro das famílias e em nossas relações afetivas. Até a nossa relação com o próprio corpo e a nossa identidade estão em jogo. E o mais impressionante é que essa transformação está acontecendo de forma tão rápida e intensa que o cenário atual é de uma grande insegurança e incerteza. Então, a primeira coisa a entender é que estamos vivendo uma revolução tecnológica. E a segunda é que essa revolução está mexendo profundamente não só com o trabalho, mas também com todas as formas de relação e interação humanas.

Dessa equação, então, o que temos é uma sensação intensa de insegurança. Estamos todos um pouco perdidos sobre o que o futuro reserva, especialmente quando se trata de tecnologia. Não dá mais para olhar para o passado e traçar uma linha, reta ou curva, de predição até o

futuro. Tudo está mudando tão rápido que é difícil fazer previsões ou mesmo criar estratégias sólidas. Esse ritmo acelerado de mudança cria um ambiente volátil, e isso afeta nossa racionalidade, nossas emoções e até nossa capacidade de nos manter com saúde mental.

Frente a essa realidade, qual é o caminho a seguir, principalmente quando estamos nos aproximando cada vez mais de uma era híbrida com o digital? É um cenário desafiador! No nosso grupo de pesquisa, para fazer resposta, estamos trabalhando em uma estratégia de três passos. O primeiro movimento é se abrir ao fenômeno em questão, estar disposto a explorar todos os aspectos dele. E a arte aqui tem um papel incrível, como a profa. Lúcia Santaella aponta em sua obra. A arte catalisa anseios e nos mostra em primeira mão aquilo que o espírito humano está conseguindo digerir do digital. Estar aberto significa não só estar conectado, mas também estar atento às emoções e sensações que surgem em meio a essa digitalização. Estar no Uber e entender o que significa trabalhar por meio dessa plataforma e estar poroso as suas ambivalências. Participar de uma reunião online e entender a dinâmica de estar "presente" numa tela. Observar os afetos que tumultuam as redes, as trocas e desencontros provocados. As identidades inventadas e os discursos alucinados. Porém só essa observação atenta não basta.

O segundo passo é formalizar esse fenômeno, ou seja, tentar estabelecer alguma lógica ou modelo para entendê-lo melhor. Isso envolve teorias e diferentes perspectivas que podem ajudar a organizar nossos pensamentos. Reconhecer as teorias e os pressupostos que nos guiam no entendimento da realidade e abrir mão daqueles que são só platitudes ou senso comum. Essa parte nos exige disciplina, rigor e muita

honestidade para consigo. Há que se ler, dialogar e burilar exaustivamente o pensamento.

Em resumo, ser pesquisador nesse cenário é ser curioso e estar atento, mesmo quando as coisas parecem não fazer muito sentido. A ideia é se aproximar do fenômeno, explorá-lo e depois tentar reconhecer os sentidos e significados. Porque a realidade é que estamos todos tentando entender um mundo que está mudando mais rápido do que jamais imaginamos.

Organizar as ideias é o que permite que elas sejam compreensíveis. Sem essa formalização, tudo é caos. O objetivo é entender a estrutura desse conhecimento, a lógica, o marco teórico, a epistemologia, os seus efeitos no mundo e suas transformações. Em outras palavras, você precisa reconhecer de onde está olhando para o mundo. O processo de formalização pode parecer complicado e assustador, especialmente para os alunos. Mas é aí que o grupo de pesquisa entra em ação, ajudando a corrigir trajetórias e possíveis equívocos. Para isso, não tenha medo de errar. A ciência avança justamente através dos erros. Quando você acerta, ali avança pouco. Quando erra, você avança mais e reconhece possibilidades. Então, se você falar algo errado, não é uma tragédia. É uma oportunidade para aprender e avançar.

A próxima etapa é analisar para criar uma síntese, uma contribuição original ao conhecimento. E depois que você publica, as pessoas vão fazer o que quiserem com isso. Vão te elogiar, te criticar, e efetivamente não importa tanto. O importante é a qualidade da sua contribuição, que está ali para o mundo. As pessoas vão interagir com isso da forma que puderem e conseguirem. Portanto, enfrentar nossas inseguranças e medos é parte fundamental para produzir um trabalho significativo.

Descrevi o percurso que temos feito no grupo para compreender o digital. No entanto, ao se aproximar desse território já aparece ao horizonte que além de ser complexo o tema, é arisco a definições razoáveis. Esse tumulto é possível de ser escutado se nos aproximamos também de como o digital foi sendo construído no imaginário das pessoas ao longo do tempo.

A Rose dos Jacksons na década 60, os replicantes de Blade Runner, Star Trek e seu futuro utópico são lembranças presentes de como o audiovisual moldou a forma como percebemos o digital hoje, na oscilação entre a euforia e o clima cyberpunk distópico. Principalmente quando falamos do tema mais emergente como as inteligências artificiais. No entanto, o que eu quero dizer é que tem uma grande diferença entre esse imaginário todo e o que o digital realmente é.

Essa é uma pergunta inquietante. Afinal, do que se trata o digital, se há tanta fumaça no ambiente? Bem, nessa imensa rede de sentidos e possíveis autores, há um ponto que considero nevrálgico na relação com o tecido social, que é o surgimento das redes sociais na internet. Apesar de não serem uma invenção de ontem. Elas têm uma história, começando lá na década de 70 com o nascimento da internet, passando pela World Wide Web, os chats e as salas de bate-papo. Tivemos nesse caminho o IRC, MSN e a construção de toda uma linguagem de interação. Então, o que eu quero dizer é que não foi de repente que surgiram as redes sociais e toda essa sociabilidade online. Até os emojis que a gente usa hoje têm uma origem com os emoticons, que se fazia com sinais =D para criar rostinhos felizes ou tristes.

As redes sociais se fizeram dessa forma um marco importante, principalmente no Brasil com o surgimento do Orkut em 2004, seguido

pela disseminação do Facebook em processo nos anos seguintes. Após, muitos outros se seguiram. Twitter (Agora X), SnapChat, Instagram, LinkedIn e TikTok e tantas outras que também foram incorporando recursos de sociabilidade e que hoje são palcos da política, da economia, do mundo do trabalho e das emoções e desejos de cada um. Tecnologias como inteligência artificial, realidade aumentada e realidade virtual também entraram nesse jogo. A produção de imagens vetoriais nos possibilitou navegar tridimensionalmente em mundos projetados e articulados para a sociabilidade. Esse caminho nos levou aos mundos virtuais permanentes, como o Second Life e os jogos MMORPGs, alguns já idosos como World of Warcraft, lançado em 2004 e com 29 milhões de jogadores ativos em 2020, e que foi objeto de minha tese em 2012.

Ao perceber esses caminhos e tecnologias se sobrepondo, vamos identificando uma forte tendência do digital: a convergência. Tecnologias que são incorporadas, atualizadas, mescladas novamente em novos dispositivos e novas plataformas. A cada lançamento, as novidades vão escondendo esse rastro de tecnologias e histórias que são necessárias para o seu entendimento. Uma das tarefas é resgatar esse fio perdido para compreender o que tece cada plataforma. O primeiro aprendizado de fôlego no encontro com o digital é certamente entender que não é possível apreendê-lo sem olhar para sua história. Sempre há essa convergência de tecnologias. Ao analisar meu objeto digital, caberia então perguntar: como surgiu e se desenvolveu? Que lógicas do audiovisual, do áudio, do vídeo, da rede, da linguagem de programação, até dos algoritmos foram envolvidos? Como cada fio de história se integra na tecnologia digital que eu estou analisando agora? Que novos fios econômicos e políticos tecem junto essa trama? Perguntas inquietantes e

que podem ter diversas soluções dependendo do caminho epistemológico de cada um. A mim coube um encontro feliz. Prof. Alexandre me apresentou a obra da Prof. Lúcia Santaella. E nessa forma didática de estudar o digital, o lugar central é da linguagem. Essa perspectiva é um laço possível com o que me inquieta nos dilemas que a subjetividade, e seus conceitos, impõe. A linguagem foi o caminho possível que consegui percorrer e me ajudou a compreender para além do jeito que a gente se comunica e para além das linguagens de programação que habitam as mentes e máquinas. Para este momento tive que ajustar meu microfone, organizar minha fala, acertar a câmera, lidar com a apresentação no PowerPoint, me compor e recompor. (E agora revisar em texto). Tudo isso envolve diferentes tipos de linguagem. E isso tudo também cria uma cultura própria no mundo digital. Um terreno fértil para quem gosta de pensar.

No entanto, há desafios concretos. É a mãe que não sabe o que fazer com a criança que não larga as telas. É o adolescente em exposição nas redes. É o bullying, as fake news, a ansiedade crescente com o WhatsApp e com os grupos do trabalho. É também o trabalho, que acabou e a opção é se cadastrar em uma plataforma que oferece a promessa de ser patrão do seu tempo e que, ao mesmo tempo, recolhe 50% do que era destinado ao teu serviço. São problemas que exigem respostas! A sensação de confusão nesse ponto do caminho é bem comum. A saída para nós, no grupo, foi formalizar aquilo que conseguimos apreender. Nosso modelo de trabalho é baseado no pensamento sistêmico e tem essa natureza ontológica. Desloca a ideia do digital do dispositivo e do software e o contempla como relação. Estamos em interrelação profunda com um contexto que é digital. Esse contexto é diferente de outros

contextos já estudados na literatura pois se difere com o avanço das máquinas, das linguagens digitais e das transformações no corpo. Não vou me aprofundar nesse modelo agora, mas ele está disponível no nosso livro anterior para quem quiser conferir. A lição aprendida até o momento: o digital está tão entranhado na nossa vida que precisa ser estudado de forma séria e organizada.

Temos pensado que os estudos sobre o digital, ou as formas como ele tem se apresentado a nós, têm acontecido em um movimento de expansão, dispersão e agora novamente de convergência. Nesse movimento é muito comum se perder na literatura. Vou indicar alguns autores que foram e são referência para nós nessa trajetória e podem auxiliar a quem está iniciando seus passos. Em primeiro lugar, eu indico três obras da professora Lúcia Santaella: "Ecologia da Comunicação", "Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade" e "Culturas e Artes do Pós-Humano". Esses livros são um ótimo ponto de partida. Há uma extensa literatura produzida pela professora sobre o assunto.

A partir do fenômeno das redes, e que marca muito os estudos sobre cibercultura, há um conjunto de temas em dispersão e que constituem verdadeiras áreas distintas. Temos os games, aprendizagens, mundos virtuais, inteligência artificial, algoritmização, cibercultura. Esses temas têm sido debatidos há anos e continuam relevantes. Quanto aos mundos virtuais (prenúncio do metaverso que virá) recomendo o trabalho da Profª. Eliane Schlemmer, e da rede de pesquisa do prof. Massimo Di Felice. No campo dos games, o trabalho da profª. Suely Fragoso para mim é referência inicial. Quanto ao pensamento sistêmico pensado ao digital, os trabalhos da profª. Alê Teixeira, incluindo sua tese publicada no "Interação Mediada por Computador". Sobre redes

sociais, obra obrigatória para quem inicia é o livro da Profª. Raquel Recuero: “Redes Sociais na Internet”. É claro que há outros valorosos trabalhos. Indico aqui os que considero leitura imprescindível aos meus orientandos. Em relação à cibercultura, Prof. André Lemos é um nome importante. Outra obra que vale a pena é sobre métodos de pesquisa na internet, escrita pelas professoras Adriana Amaral, Raquel Recuero e Suely Fragoso.

Notem que todas essas referências de obras remontam a um período anterior ao pós-digital. Esse termo instaura a crítica necessária aos processos do digital, resgatando os interesses econômicos e geopolíticos que sustentam hoje as lutas na arena do digital.

Bem, o cenário atual que temos é este: tivemos uma expansão dessas redes de pesquisa e trabalho, e cada uma dessas temáticas e autores se dispersou. Isso gerou uma série de discussões paralelas que podem confundir quem está começando. Temas como fake news, plataformação do trabalho, inteligência artificial e até mesmo cibersegurança e blockchain parecem dispersos, mas em realidade, eles estão interconectados. Importante não se enganar com essa aparente dispersão. Esses tópicos irão convergir em algum momento, porque essa é a tendência do digital, que aprendemos na nossa trajetória.

Cada uma dessas tecnologias estão se sobrepondo, interrelacionando e se conjugando cada vez mais, e essa intersecção é a grande aposta para a próxima década. Assim é o já anunciado Metaverso. Concordamos que é um termo perigoso, visto que teve seu ‘hype’ e oportunismo. No entanto, a ideia é mais complexa e certamente terá um grande impacto nos próximos anos. Sobre o Metaverso, o que desejo dizer é que ele é uma convergência intensa de várias tecnologias. Porém,

para que isso aconteça, e pensando no nosso conceito de contextos digitais, é preciso que três elementos estejam alinhados e propícios: as máquinas, as linguagens e o corpo humano. Essas são as condições, no meu julgamento, para que se efetive alguma proposta de Metaverso. Ou seja, temos um longo caminho pela frente em desenvolvimento tecnológico, seja em hardware ou seja em programação, e até mesmo na nossa forma de interagir e se mover dentro desse espaço. Metaverso é uma aposta para o futuro. O que nos garante que ele virá é essa tendência esmagadora do digital de convergir seus avanços. O que existe hoje já se alinha nessa direção.

Para pensar o futuro, considero importante revisitar algumas obras. Sugiro inicialmente um bom encontro com os teóricos da comunicação. Um autor específico que facilitou algumas reflexões minhas é o Lucien Sfez. Ele tem livros como "Crítica da Comunicação" e "A Comunicação". Em outro caminho, se for falar de corpo no mundo digital, inclusive numa perspectiva psicossocial, não dá para ignorar McLuhan! Ele é fundamental com sua tese sobre a expansão do corpo no ambiente digital. Outra leitura importante é Flusser, que tem trabalhos como "O Mundo Codificado" e "Filosofia da Caixa Preta". Simondon é um autor que tenho apreço pelo que fala sobre a relação da tecnologia com o ser humano em "Do modo de existência dos objetos técnicos". E pra entender como a gente se constrói socialmente no mundo digital, além de tantos autores que abordam o assunto, destaco Goffman. Um clássico que me ajudou em algumas reflexões.

Essas são algumas indicações iniciais, e poderia me prolongar em muitas outras. Em resumo, ao estabelecer o desafio de conversar hoje sobre pesquisa e digital, me vi cheio de recomendações para vocês. Um

erro. Essa tentativa de poupar o outro de enganos e equívocos quase sempre é infrutífera e contraproducente. Está na aprendizagem a busca de novos caminhos e está no ato da pesquisa e do ensino não o poupar disso, mas o acompanhar. Meu convite é para que sigamos em rede e que a utopia dos imaginários tecnológicos nos inspire nessa busca para “audaciosamente irmos onde ninguém jamais esteve”.

Referências

- ABS, D. Contextos Digitais de Desenvolvimento Humano. In ABS, D. Contextos Digitais: encontros, pesquisas e práticas. Porto Alegre: UFRGS. 2022.
- BENTZ, I. M. G. Cultura pela Semiótica. In: SILVA, A.R.; BENTZ, I.M.G. (Org.). Percursos Semióticos: significação, codificação, semiose e interface. São Paulo: Kazuá, 2012.
- BENTZ, I. M. G. Retomando os fundamentos sobre o sentido. In: ROSÁRIO, N.M., OLIVEIRA, L.Z., PARODE, F. (Org.). Entresemióticas. São Paulo: Editora Kazuá, 2013.
- FLUSSER, V. Filosofia da caixa preta. São Paulo:
- FLUSSER, V. O Mundo Codificado. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- GOFFMAN, E. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 2009.
- GOFFMAN, E. Ritual de Interação: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GUARANY, W.C.; BENTZ, I.M.G. Metacomunicação. Bento Gonçalves: FERVI, 1974.
- LEMO, A. Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2010.

- MCLUHAN, M. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Cultrix, 2011.
- NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. Psicologia: Teoria e pesquisa. Vol. 18, n.2, p 193-202, Mai-ago. 2002.
- SANTAELLA, L. Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.
- SANTAELLA, L. Linguagens líquidas na era da mobilidade. São Paulo: Paulus, 2007.
- SANTAELLA, L. A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010.
- SANTAELLA, L. Redação e Leitura: guia para o ensino. São Paulo: Cengage, 2017.
- SIMONDON, G. Do modo de existência dos objetos técnicos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.